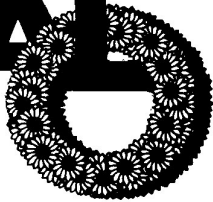


UMA VITÓRIA MILITAR DE PIRRO E UMA PROFUNDA DERROTA MORAL



Fidel Castro

Tradução de Wanda Caldeira Brant

Compatriotas:

Há pouco mais de sete anos, no dia 15 de outubro de 1976, reunimo-nos neste mesmo lugar para o funeral de 57 cubanos assassinados de maneira vil na sabotagem aérea de Barbados, realizada por homens que tinham sido treinados pela Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos. Hoje, viemos de novo para prestar nossas homenagens a 24 cubanos que morreram em Granada, outra ilha próxima de Barbados, em consequência das ações militares dos Estados Unidos.

Granada era um dos menores Estados independentes do mundo, tanto em extensão como em população. Se Cuba,

apesar de ser um país pequeno e subdesenvolvido podia auxiliar muito a Granada, era exatamente porque nossos esforços, quantitativamente modestos, mas qualitativamente elevados, muito significavam para um país de apenas 400 quilômetros quadrados de extensão e com pouco mais de cem mil habitantes.

Assim, por exemplo, o valor de nossa contribuição em projetos, construções e materiais para o novo aeroporto de Granada atingia, a preços internacionais, 60 milhões de dólares, ou seja, mais de 500 dólares por habitante. É como se Cuba, com sua população de quase dez milhões de habitantes, recebesse como doação uma obra de cinco bilhões de dólares.

Além disso, havia a colaboração de nossos médicos, professores e técnicos em diversas especialidades, que equivalia a uma contribuição anual de produtos cubanos no valor aproximado de três milhões de dólares. Isto significava uma cota adicional de 40 dólares por habitante. Para Cuba, é impossível prestar auxílio da mesma magnitude material a países de população e extensão significativamente grandes, mas podíamos ajudar muito um país como a pequena Granada.

Muitas outras pequenas nações do Caribe surpreendiam-se com a generosa ajuda de Cuba a esse povo irmão. Acostumados ao grosseiro interesse econômico e estratégico do colonialismo e do imperialismo, esta ação desinteressada de Cuba talvez lhes parecesse extraordinária; inclusive, é possível que, em face da propaganda suja do governo dos Estados Unidos, não lhes fosse fácil compreendê-la.

A amizade de nosso povo para com Bishop e Granada era profunda e nosso respeito pelo país e a sua soberania tão irrepreensível, que jamais nos arriscamos sequer a emitir opiniões sobre o que se fazia ali e sobre como era feito. Aplicávamos a Granada o mesmo princípio que observamos em relação a todos os países e movimentos revolucionários: absoluto respeito à sua política, aos seus critérios e às suas decisões; expressão de pontos de vista sobre qualquer assunto, somente quando nos é solicitada. O imperialismo é incapaz de compreender que o segredo de nossas excelentes relações com os países e movimentos revolucionários do mundo se baseia exatamente neste respeito.

O governo dos Estados Unidos depreciava Granada e odiava Bishop. Queria destruir o processo e o exemplo de Granada; e, como Bishop denunciava há quase dois anos, havia inclusive preparado planos militares para invadir a ilha, mas não encontrava pretextos.

Para dizer a verdade, a situação econômica e social de Granada prosseguia satisfatoriamente. Apesar da política hostil dos Estados Unidos, a população recebia numerosos benefícios e o produto bruto de sua economia crescia em um bom ritmo não obstante a crise mundial. Bishop não era um extremista, embora fosse um verdadeiro revolucionário, consciente e honesto. Longe de discordarmos de sua política inteligente

e realista, a víamos com absoluta simpatia, porque se adaptava rigorosamente às condições concretas e às possibilidades de seu país. Granada se convertera, no Caribe, em um verdadeiro símbolo de independência e de progresso.

Ninguém seria capaz de imaginar a tragédia que se aproximava. Toda a atenção estava concentrada em outras partes do mundo. Infelizmente, foram os próprios revolucionários de Granada que desencadearam os acontecimentos que abriram as portas para a agressão imperialista.

Das próprias fileiras revolucionárias surgiram hienas. Ainda hoje ninguém pode garantir se aqueles que cravaram o punhal do divisionismo e do enfrentamento interno o fizeram de *motu proprio* ou inspirados e encorajados pelo imperialismo. Foi algo que, se não foi obra da CIA, não podia ser mais bem feito. O certo é que usaram argumentos pretensamente revolucionários, invocando os princípios mais puros do marxismo-leninismo, e atribuindo a Bishop a prática do culto à personalidade e o afastamento das normas e métodos leninistas de direção.

Em nossa opinião, nada mais absurdo do que atribuir a Bishop tais tendências. Era impossível imaginar alguém mais nobre, mais modesto e desinteressado. Jamais sua culpa foi o autoritarismo, e se algo se lhe pudesse imputar como defeito, seria o seu excesso de tolerância e de confiança.

Será que os que contra ele conspiraram no seio do Partido, do Exército e da Segurança de Granada constituíam um grupo de extremistas, intoxicados de teorismo político? Tratar-se-ia simplesmente de um grupo de ambiciosos, oportunistas ou até agentes inimigos que desejavam arruinar a Revolução de Granada? Somente a história poderá dizer a última palavra. Mas não seria a primeira vez que em um processo revolucionário uma coisa ou a outra tivesse ocorrido.

De acordo com nosso ponto de vista, o grupo de Coard objetivamente arruinou a Revolução e abriu as portas para a agressão imperialista. Fossem quais fossem as suas intenções, o assassinato atroz de Bishop e de seus companheiros mais fiéis e mais próximos constitui um fato que jamais poderá ser justificado, seja nesta ou em qualquer outra revolução. Como expressou a Declaração do

**Os
revolucionários
colaboram com o
imperialismo
ianque**

Partido e o Governo de Cuba, no dia 20 de outubro, "nenhum crime pode ser cometido em nome da revolução e da liberdade".

Apesar de seus vínculos estreitos e familiares com a Direção do nosso Partido, Bishop jamais disse uma só palavra sobre as dissensões internas que estavam em curso. Pelo contrário, em sua última conversa conosco, fez uma autocrítica de seu trabalho, relativa à maior atenção que deveria dar às forças armadas e às organizações de massa. Praticamente toda a Direção do nosso Partido e Estado com ele compartilhou grandes, fraternais e amistosas horas na noite de 7 de outubro, antes de sua volta a Granada.

O grupo de Coard nunca teve conosco tais relações, nem intimidade, nem confiança. E mais, nem sabíamos que esse grupo existia. O que pode ser ressaltado em honra de nossa Revolução é que, apesar da profunda indignação que a destituição e a prisão de Bishop nos causaram, nos abstivemos, rigorosamente de interferir em assuntos alheios, tanto mais que nossa equipe de construtores e colaboradores em Granada, que não vacilou em lutar contra os soldados ianques, com as armas que o próprio Bishop lhes havia entregue para sua defesa em caso de agressão externa, poderia ter constituído um fator decisivo nos acontecimentos internos. Mas jamais se supôs, e jamais o aprovaríamos, que essas armas fossem utilizadas em conflitos internos de Granada; e nunca estivemos dispostos a derramar com elas uma única gota de sangue granadino.

No dia 12 de outubro, Bishop foi destituído pelo Comitê Central em que os conspiradores tinham alcançado a maioria. No dia 13, foi preso em sua residência. No dia 19, o povo sublevou-se e libertou Bishop. Neste mesmo dia, o grupo de Coard ordenou ao exército que disparasse contra o povo, e Bishop, Whiteman, Jacqueline Creft e outros valiosos dirigentes revolucionários foram assassinados.

Mal se manifestaram as contradições internas que surgiram no dia 12 de outubro, os imperialistas ianques decidiram a invasão.

É conhecida publicamente a mensagem enviada pela Direção do Partido cubano ao grupo de Coard no dia 15 de outubro, em que expressávamos nossa profunda preocupação tanto com as con-

seqüências internas da divisão ocorrida quanto com as externas, e nosso apelo ao senso comum, à serenidade, à sabedoria e à generosidade dos revolucionários. Esta referência à generosidade era um apelo para que não se usasse a violência contra Bishop e seus seguidores.

Este grupo de Coard, que tomou o poder em Granada, desde o primeiro instante manifestou grandes reservas em relação a Cuba, devido à nossa conhecida e inquestionável amizade com Bishop.

A imprensa nacional e internacional publicou nossa enérgica condenação aos fatos do dia 19 de outubro, dia em que Bishop foi assassinado. A verdade é que nossas relações com o governo efêmero de Austin, em que o verdadeiro chefe era Coard, foram frias e tensas, a tal ponto que, no momento do criminoso ataque ianque, não havia a mínima coordenação entre o exército de Granada e a equipe de construtores e colaboradores cubanos. Publicaram-se os pontos essenciais das mensagens enviadas à nossa embaixada em Granada entre os dias 12 e 15 de outubro, dia em que se deu a invasão. Esses documentos ficarão para a história como prova inegável de nossa clara posição de princípios em relação a Granada.

O imperialismo, por outro lado, apresentava os acontecimentos como a subida ao poder de um grupo de comunistas de linha dura, fiéis aliados de Cuba. Seriam realmente comunistas? Seriam realmente de linha dura? E podiam realmente ser aliados fiéis de Cuba? Não seriam antes instrumentos, inconscientes ou conscientes, do imperialismo ianque?

Veja-se a história do movimento revolucionário, e mais de uma vez se encontrará conexão entre o imperialismo e aqueles que assumem posições aparentemente de esquerda extremada. Pol Pot e Ieng Sary, genocidas do Kampuchea, não são hoje os mais fiéis aliados do imperialismo ianque no sudeste da Ásia? Nós, em Cuba, desde o surgimento da crise em Granada, para nomearmos de algum modo o grupo de Coard, o chamávamos de "grupo polpotiano".

Nossas relações com os novos dirigentes de Granada deveriam ser submetidas a uma análise profunda, como foi proclamado pela Declaração do Partido e do Governo de Cuba no dia 20 de outubro. Nela expressávamos também que,

A posição de Cuba:
não-interferência

por uma elementar consideração ao povo de Granada, não nos precipitaríamos em "dar nenhum passo relacionado à colaboração técnica e econômica que possa afetar serviços essenciais e interesses econômicos vitais para o povo de Granada". Não podíamos nos resignar à idéia de deixar a população de Granada sem médicos nem de deixar seu aeroporto, que era vital para a economia do país, inacabado. Com toda certeza, ao término dessa obra, nossa equipe de construtores deixaria Granada, e as armas entregues por Bishop seriam devolvidas ao governo. Inclusive, era possível que nossas péssimas relações com o novo governo determinassem a necessidade de partirmos muito antes.

O que colocou Cuba em uma situação moralmente complexa e difícil foi a notícia de que as forças navais ianques avançavam para Granada. Naquelas condições, de modo algum podíamos abandonar o país. Se o imperialismo tinha realmente intenções de atacar Granada, nosso dever era permanecer ali. Sair naquele momento seria uma desonra e poderia inclusive estimular o ataque a Granada naquele momento e, futuramente, a Cuba. Ademais, os acontecimentos sucederam-se tão rapidamente que, se a evacuação tivesse sido pensada, não haveria tempo de realizá-la.

Mas o governo de Granada era moralmente indefensável e o país, onde Partido, Governo e Exército se haviam divorciado do povo, era indefensável também militarmente, pois uma guerra revolucionária só é possível e justificável em união com o povo. Portanto, somente poderíamos combater se fôssemos diretamente atacados. Não havia outra alternativa.

Não obstante, cabe salientar que apesar destas circunstâncias adversas muitos soldados de Granada morreram combatendo heroicamente contra os invasores.

Seja como for, os fatos ocorridos internamente não justificavam de forma alguma a intervenção ianque. Desde quando o governo dos Estados Unidos foi eleito árbitro dos conflitos entre revolucionários de um país? Que direito tinha Reagan de se scandalizar com a morte de Bishop, a quem tanto odiava e a quem tanto combateu? Que razões podiam existir para a sua brutal violação da soberania de Granada, um pequeno país independente, membro respeitado e reconhecido da comunidade in-

ternacional? É como se outro país se considerasse com o direito de intervir nos Estados Unidos, devido ao repugnante assassinato de Martin Luther King ou a tantos outros abusos terríveis cometidos naquele país contra as minorias negras e espanholas, ou porque John Kennedy foi assassinado.

O mesmo pode ser dito sobre o argumento de que milhares de norte-americanos estavam em perigo. Há sempre norte-americanos em dezenas de países do mundo. Por acaso, isto significa o direito de intervir quando surgirem conflitos internos nesses países? Há dezenas de milhares de pessoas que nasceram em Granada e foram para os Estados Unidos, a Inglaterra e Trinidad. Será que a pequenina Granada poderia intervir em cada um desses países, se neles surgissem problemas de política interna que implicassem algum risco para seus compatriotas? Deixando de lado a falácia e a mentira de tais pretextos utilizados para invadir Granada, será esta realmente uma norma internacional, que possa ser sustentada?

Mil lições de marxismo não poderiam ensinar-nos melhor a índole suja, pérfida e agressiva do imperialismo do que a agressão cometida contra Granada no amanhecer do dia 25 de outubro e sua conduta posterior.

Para justificar a invasão de Granada e seus atos posteriores, o governo dos Estados Unidos e seus porta-vozes pregaram dezenove mentiras. Destas, as treze primeiras foram afirmadas pessoalmente por Reagan:

1. Cuba teve responsabilidade no golpe de Estado e na morte de Bishop.
2. Os estudantes norte-americanos corriam o risco de serem tomados como reféns.
3. O principal objetivo da invasão foi proteger a vida dos cidadãos norte-americanos.
4. A invasão constituiu uma operação multinacional a pedido do senhor Scoon e dos países do Caribe Oriental.
5. Cuba pensava em invadir e ocupar Granada.
6. Granada estava se tornando uma importante base militar soviético-cubana.
7. O aeroporto em construção não era civil, mas militar.
8. Em Granada, as armas serviam para exportar a subversão e o terrorismo.

Quem elegeu os EUA árbitros dos conflitos?

As dezenove mentiras americanas

9. Os cubanos atiraram primeiro.
10. Havia mais de mil cubanos em Granada.
11. Os cubanos, em sua maioria, não eram técnicos em construção, mas soldados profissionais.
12. As forças invasoras tomaram cuidado para não destruir nada, nem causar baixas civis.
13. As tropas norte-americanas permanecerão uma semana em Granada.
14. Em Granada estavam sendo construídos silos para mísseis.
15. O barco *Viet Nam Heroico* transportava armas especiais.
16. Cuba foi advertida da invasão.
17. Quinhentos cubanos combatem nas montanhas de Granada.
18. Cuba ordenou represálias contra cidadãos norte-americanos.
19. As restrições à imprensa visavam garantir a segurança dos jornalistas.

Nenhuma destas afirmações pôde ser comprovada, nenhuma era verdadeira, todas, absolutamente todas, foram desmentidas pelos fatos. Essa forma cínica de recorrer à mentira para justificar a invasão de um pequeno país lembra os métodos de Adolf Hitler nos anos em que foi preparada e finalmente desencadeada a Segunda Guerra Mundial.

Os próprios estudantes e funcionários norte-americanos da Escola de Medicina estabelecida em Granada reconheceram ter recebido garantias absolutas para sua segurança e os meios necessários para que todos os que desejassem sair do país pudessem fazê-lo. Por outro lado, no dia 22 de outubro, Cuba informou ao governo dos Estados Unidos que nenhum cidadão estrangeiro, inclusive os cubanos, havia sido molestado; e ofereceu sua cooperação para resolver qualquer dificuldade que surgisse, de modo a solucionar os problemas sem violências e sem intervenções no país.

Nenhum dos cidadãos norte-americanos sofreu o menor transtorno durante a invasão e, se alguma coisa os colocou em perigo, foi a própria guerra desencadeada pelos Estados Unidos. As instruções de Cuba ao seu pessoal para não interferirem em nenhuma ação para evacuar cidadãos norte-americanos utilizando-se da pista em construção, próxima à Universidade, contribuíram para evitar que os civis norte-americanos residentes no país corressem riscos. A referência de Reagan ao perigo de que su-

cedesse em Granada o mesmo que no Irã — a tomada de norte-americanos como reféns — abusando da sensibilidade norte-americana humilhada por aquele episódio, é um argumento demagógico, politiquês e desonesto.

A afirmação de que o novo aeroporto tinha caráter militar, velha mentira em que a administração Reagan tanto insistiu foi desmentida categoricamente pela própria empresa capitalista inglesa que fornecia e montava os equipamentos elétricos e técnicos daquela instalação aérea. Os técnicos ingleses da companhia Plessey, conhecida internacionalmente por sua excelência nesse campo, trabalhavam juntamente com a equipe cubana de construção e testemunham sua condição de trabalhadores civis. Na construção do aeroporto cooperavam, de uma forma ou de outra, vários países da Comunidade Européia, membros da Aliança Atlântica. Pode-se imaginar que cooperassem com Cuba, em Granada, para a construção de um aeroporto militar?

Por outro lado, a versão que Granada estivesse se tornando uma base soviético-cubana é cabalmente desmentida posto que, comprovadamente, ali não havia sequer um assessor militar soviético.

Nos próprios documentos supostamente secretos, que caíram nas mãos dos Estados Unidos e foram publicados pelo governo ianque dias depois da invasão, o acordo entre os governos de Cuba e de Granada especifica que nosso país enviaria 27 assessores militares, número que poderia chegar mais tarde a quarenta. Estes coincidem com os publicados por Cuba sobre o número de assessores, que era de 22 no dia do ataque aos quais se somava um número equivalente de intérpretes e funcionários da Missão. Em nenhuma parte desses caxeirados documentos consta nada relacionado com bases militares em Granada; de fato, o que ali se contém explicitamente é que as armas fornecidas pela União Soviética, para o Exército e as Milícias, ficavam sujeitas a uma cláusula proibindo a exportação para outros países. Desse modo é falso que Granada havia se tornado um arsenal para abastecer organizações subversivas e terroristas, como a atual administração dos Estados Unidos teima em designar todos os movimentos de libertação nacional e revolucionários. De Granada, jamais saiu uma arma para outros países e, portanto, jamais Reagan poderá comprová-lo.

A afirmação de que Cuba estava na iminência de invadir e ocupar Granada é tão irreal, absurda, insana e alheia a nossos princípios e à nossa política internacional, que não merece ser levada a sério. O que fica de pé é a forma absolutamente escrupulosa em que nos abstivemos de qualquer envolvimento nos assuntos internos do país, apesar de nossa profunda simpatia por Bishop e nossa repulsa total à conspiração e ao golpe de Coard e seu grupo, que somente serviam aos interesses do imperialismo e a seus planos de destruir a Revolução granadina. As mensagens com instruções precisas e categóricas para nossa embaixada em Granada, amplamente divulgadas pelo governo de Cuba, constituem uma demonstração inegável da cristalina disposição de princípios mantida pela Direção do nosso Partido e de nosso Estado, em relação aos assuntos internos de Granada.

A condição civil de quase todos os colaboradores cubanos em Granada foi demonstrada ao mundo inteiro pelas centenas de jornalistas estrangeiros que os viram chegar de volta a nosso País e tiveram possibilidade de entrevistá-los, conjunta e individualmente. Quase a metade deles tinha mais de quarenta anos. Quem poderia questionar sua condição de colaboradores civis e de trabalhadores com longos anos de experiência em suas áreas?

Quando os porta-vozes do governo dos Estados Unidos afirmavam que, ao se dar a invasão, havia em Granada entre 1 000 e 1 500 cubanos e que centenas deles continuavam lutando nas montanhas, Cuba publicou a cifra exata de seus cidadãos em Granada no dia da invasão. Eram 784, incluindo o pessoal diplomático com seus familiares. Foram igualmente assinalados os organismos dos quais procediam, as atividades a que se dedicavam, as instruções que receberam de combater, se fossem atacados em suas áreas de trabalho e acampamentos, e a impossibilidade, pelas informações que possuíamos, de que centenas pudessem se encontrar nas montanhas. Mais tarde publicaram-se os nomes e as funções de cada um daqueles colaboradores e sua situação conhecida ou provável. Os fatos demonstraram que o informe de Cuba era rigorosamente verdadeiro. Não existe um só dado dessa comunicação que possa ser desmentido.

Igualmente mentirosa e cínica é a

afirmação de que os cubanos iniciaram as ações hostis. O certo, o irrefutável, é que, no momento em que se deu o desembarque aéreo na pista e nos arredores dos acampamentos, o pessoal cubano dormia e as armas a que poderiam ter acesso encontravam-se armazenadas: não haviam sido distribuídas. Durante o desembarque aéreo foi feita a distribuição, mas as armas não eram suficientes para todos os integrantes da equipe de construção, e os cubanos ocuparam os lugares previstos para aquela emergência. Mesmo assim, nosso pessoal, já organizado e armado, teve tempo de ver como os pára-quedistas norte-americanos se reagrupavam na pista e como os primeiros aviões aterrissavam; era o momento mais fraco dos invasores. Se os cubanos disparassem primeiro ocasionariam dezenas e talvez centenas de baixas aos norte-americanos nessas primeiras horas. O rigorosamente histórico, o rigorosamente certo, é que os combates foram iniciados quando as tropas dos Estados Unidos avançaram em direção aos cubanos em atitude claramente hostil; assim como também é verdade que, quando um grupo de trabalhadores cubanos desarmados foi capturado, seus componentes foram utilizados como reféns e tiveram de avançar à frente dos soldados norte-americanos.

A invasão de Granada aconteceu de forma surpreendente e traiçoeira, sem nenhuma espécie de aviso ou advertência prévia, estilo Pearl Harbour, estilo nazista. A nota do governo dos Estados Unidos ao governo de Cuba, no dia 25 de outubro, com a qual se pretendia responder à nossa nota do sábado, dia 22, foi entregue às oito e meia da manhã, três horas após o desembarque, uma hora e meia depois do início dos ataques de suas tropas a nossos compatriotas em Granada. Na tarde do dia 25, o governo dos Estados Unidos enviou uma nota enganosa ao governo de Cuba, que parecia sugerir a possibilidade de os combates cessarem de uma forma razoável e honrosa, evitando maior derramamento de sangue. Apesar desta nota ter sido respondida de imediato, com a aceitação daquela possibilidade, o que o governo dos Estados Unidos fez foi desembarcar na madrugada do dia 26 a 82.^a Divisão Aerotransportada e atacar com todas as suas forças a posição cubana que continuava resistindo. É essa a conduta de um governo sério? É essa

O desmentido dos fatos

a forma de advertir sobre o ataque? Era essa a forma de evitar maior derramamento de sangue?

O senhor Scoon declarou publicamente que estava de acordo com a invasão, mas que não havia pedido a ninguém que invadisse Granada. Só vários dias depois do desembarque é que o senhor Scoon, que se abrigava no porta-helicópteros *Guam*, assina uma carta na qual solicita oficialmente a intervenção. Reagan não conseguiria demonstrar uma única de suas falsas afirmações.

Quando se disse que o barco *Viet Nam Heroico*, no porto de Saint George's no dia da invasão, levava armas especiais — pretexto para que não fosse utilizado para a evacuação dos reféns cubanos em Granada — indagou-se de imediato a seu capitão se, por acaso, levava algum armamento a bordo. E o que se pôde verificar é que só levava uma arma temível, seu nome "Viet Nam".

A caluniosa afirmação de que Cuba tinha dado instruções para se realizarem ações contra cidadãos norte-americanos em outros países, recebeu adequada e digna resposta oficial e pública de nosso governo, baseada no fato real, e comprovado pela história da Revolução, de que Cuba sempre foi contrária a atos de represália contra pessoas inocentes.

O governo dos Estados Unidos não se dignou fornecer o número de presos nem o total de baixas granadinas, inclusive as baixas entre a população civil. Um hospital de doentes mentais foi bombardeado, o que provocou a morte de dezenas de enfermos.

E onde ficou a promessa do senhor Reagan de que as tropas norte-americanas se retirariam em uma semana? Em sua primeira alocução ao povo norte-americano, às oito e meia da manhã do dia da invasão, num discurso elaborado antes do desembarque, o presidente Reagan afirmou que a situação tinha sido dominada. Nesse mesmo dia, seus próprios porta-vozes descreviam a resistência que as tropas invasoras encontravam. O "passeio militar", planejado pelo Pentágono para consumir-se em quatro horas, não contou com a resistência tenaz e heróica dos colaboradores cubanos e dos soldados de Granada.

Quem disse a verdade e quem mentiu cinicamente sobre os acontecimentos em Granada? Não se permitiu aos jornalistas estrangeiros presenciar e informar sobre os acontecimentos na área. Nem

sequer à imprensa norte-americana. É superficial e ridículo o argumento de que se tratava de simples medidas de segurança para os jornalistas. Obviamente, o que se pretendia era monopolizar e manipular a informação, mentir à opinião pública mundial e ao próprio povo dos Estados Unidos, sem qualquer obstáculo. Era esta a única forma de divulgar mentiras deliberadas e falsidades de todo tipo que, após seu impacto inicial e seu efeito sobre a população dos Estados Unidos, não seriam fáceis de esclarecer e rebater. Até nisto o método empregado pelo governo dos Estados Unidos foi fascista.

Daquelas dezenove afirmações, objetivamente, o que permanece de pé? Onde estão os silos para projéteis estratégicos que se construíam em Granada? E no entanto, aquelas mentiras nas quais o mundo não acreditou, produziram um impacto evidente sobre a opinião pública dos Estados Unidos, ao serem ditas por seu presidente e seus porta-vozes.

Além disso, apresentou-se a invasão de Granada ao povo norte-americano como uma grande vitória da política externa de Reagan contra o campo socialista e o movimento revolucionário. Associou-se o fato com a morte trágica de 240 soldados norte-americanos em Beirute, com a lembrança dos reféns do Irã, com a humilhante derrota no Vietnã; vendeu-se a invasão de Granada como o sinal do ressurgimento do domínio e da influência dos Estados Unidos sobre o mundo. Apelou-se de uma forma suja e desonesta ao patriotismo norte-americano, ao orgulho do país, à grandeza e à glória nacional. Conseguiu-se desse modo que uma maioria da opinião pública norte-americana — fala-se em 65% inicialmente e depois em 71% — apoiasse o crime monstruoso de invadir sem justificativa alguma um país soberano, o método repugnante de atacar de surpresa, a censura à imprensa e demais procedimentos semelhantes empregados pelo governo dos Estados Unidos para justificar a invasão de Granada. Hitler não atuou de outra forma quando, em 1938, ocupou a Áustria e anexou o território dos Sudetos, da Tchecoslováquia, também em nome do orgulho alemão, da grandeza e glória alemãs, da felicidade e segurança dos súditos alemães. Se fosse realizada uma pesquisa na Alemanha hitlerista por ocasião da onda chauvinista desencadeada pelos nazistas, 80 ou 90% da população aprovariam aqueles ataques.

**A arma
"especial": Viet
Nam Heroico**

**Reagan e Hitler,
um paralelo**

O fato real, lamentável e verdadeiramente perigoso, não só para os povos do Caribe, da América Central e da América Latina, mas para todos os povos da Terra é que, enquanto a opinião mundial unanimemente condenava a ação belicista, agressiva, injustificável, violentadora da soberania dos povos e de todas as normas e princípios internacionais, a opinião majoritária dos Estados Unidos, manipulada, desinformada e enganada, apoiou o monstruoso crime cometido por seu governo.

Há algo mais preocupante. Ao se produzir esta reviravolta interna da opinião pública, muitos políticos norte-americanos que, inicialmente, se opuseram aos fatos, terminaram por defender a ação de Reagan, enquanto a imprensa, censurada, humilhada e colocada à margem dos acontecimentos, acabou moderando suas reclamações e suas críticas.

Por acaso são estas as virtudes de uma sociedade onde a opinião e as instituições políticas e de comunicação podem ser grosseiramente manipuladas por seus governantes, como o foram na sociedade alemã na época do fascismo? Onde estão a glória, a grandeza e a vitória em invadir e conquistar um dos menores países do mundo, sem qualquer significação econômica ou estratégica? Onde está a proeza de lutar contra um punhado de trabalhadores e colaboradores civis, cuja heróica resistência, apesar da surpresa, da falta de arsenal, da desvantagem do terreno, das armas e do número, diante das forças aéreas, marítimas e terrestres do país imperialista mais poderoso do mundo, obrigou-o a lançar a 82.^a Divisão Aerotransportada, quando o último reduto era defendido por apenas cinquenta combatentes, no amanhecer do dia 26 de outubro? Os Estados Unidos não conseguiram vitória alguma, nem do ponto de vista político, nem militar, nem moral. Ou melhor, obtiveram uma vitória militar de Pirro e uma profunda derrota moral, como assinalávamos em outra ocasião.

O governo imperialista dos Estados Unidos quis matar o símbolo que a Revolução de Granada significava, mas o símbolo já estava morto. Haviam-no destruído os próprios revolucionários de Granada, com sua divisão e seus erros colossais. Em nossa opinião, o processo revolucionário de Granada não poderia sobreviver após a morte de Bishop e de seus companheiros mais

próximos, depois que o exército disparou contra o povo e que o Partido e o Governo se divorciaram das massas e se isolaram do mundo.

Objetivando destruir um símbolo, os Estados Unidos mataram um cadáver e, ao mesmo tempo, fizeram ressuscitar o símbolo. Desafiar todas as leis internacionais e conquistar o repúdio e a condenação do mundo para isso? É tamanho o desprezo que sentem pelo resto da humanidade? Este desprezo é tão grande a ponto de não afetar no mais supremo grau o apetite do senhor Reagan em seu desjejum do dia 3 de novembro, como ele mesmo declarou à imprensa?

Se tudo isso for desgraçadamente verdadeiro, e parece sê-lo, a invasão de Granada deve nos levar a tomar consciência das realidades e dos perigos que ameaçam o mundo.

O senhor O'Neill, presidente da Câmara dos Representantes, afirmou que era pecaminoso um homem totalmente desinformado, ignorante dos problemas internacionais e que nem sequer lê os documentos, ser presidente dos Estados Unidos? Mas, se considerarmos que os Estados Unidos possuem poderosos e sofisticados instrumentos de guerra convencional e nuclear, e que o presidente desse país, sem consultar pessoa alguma, pode iniciar uma guerra, não é apenas pecaminoso, mas pode chegar a ser verdadeiramente dramático e trágico para toda a humanidade.

Um ar triunfalista reina na administração Reagan. Mal se apagaram os ecos dos últimos tiros em Granada e já se fala de intervenções em El Salvador, na Nicarágua e, inclusive, em Cuba.

No Oriente Médio e na África do Sul, não cessam as intervenções e os ataques militares do imperialismo contra os países progressistas e os movimentos de libertação nacional.

Na Europa, já se encontram instalados os primeiros mísseis — *Pershing* e *Cruise* — dos 572 que ali se pretende instalar, cercado a URSS e os demais países socialistas com um anel mortífero de armas nucleares que podem alcançar seus territórios em questão de minutos.

Não só os países pequenos, mas toda a humanidade está ameaçada. Os sinos, que hoje dobram por Granada, podem amanhã dobrar pelo mundo inteiro.

Os cientistas e os médicos de maior prestígio e maior experiência asseguram

que o homem não poderia sobreviver a um conflito nuclear global. A potência destruidora do acúmulo de armas deste tipo supera um milhão de vezes as rústicas bombas que, em questão de segundos, aniquilaram as cidades de Hiroshima e Nagasaki. A isto pode levar a política agressiva e belicista da administração Reagan.

Sem dúvida, a corrida armamentista já é uma realidade, em meio à crise econômica mais aguda que o mundo conheceu desde os anos 30, quando ainda estão por resolver-se os problemas de desenvolvimento da imensa maioria dos povos da Terra. A quem pode inspirar confiança um governo que atua com a precipitação, a falta de reflexão e o cinismo com que o governo dos Estados Unidos atuou em Granada? Reagan nem sequer se dignou a ouvir os conselhos de um governo como o da Inglaterra, tão estreitamente vinculado a ele política, ideológica e militarmente. Não é de se estranhar que, em pesquisa há pouco realizada, mais de 90% dos cidadãos ingleses se mostrassem categoricamente em desacordo com a prerrogativa unilateral dos Estados Unidos quanto ao emprego dos mísseis *Cruise* que ali começam a ser instalados.

No âmbito de nosso hemisfério, há apenas um ano e meio, uma potência da OTAN usou instrumentos de guerra sofisticados para derramar sangue argentino nas Malvinas. O governo Reagan apoiou essa ação. Naquele momento, não levou em conta a Organização dos Estados Americanos e os chamados acordos e pactos de segurança, deixando-os de lado com desprezo. Agora, apoiando-se na suposta solicitação de uma fantasmagórica Organização dos Estados do Caribe Central, invade Granada e derrama sangue do Caribe e de Cuba. Na Nicarágua, como se não bastasse o preço de quarenta mil vidas para se conquistar a liberdade, quase mil filhos desse nobre povo já morreram em consequência dos ataques das tropas mercenárias que o governo dos Estados Unidos organiza, treina e abastece. Em El Salvador, mais de cinquenta mil pessoas foram assassinadas por um regime genocida, cujo exército é armado, treinado e dirigido pelos Estados Unidos. Na Guatemala, são mais de cem mil os que já morreram nas mãos do sistema repressivo que a CIA instalou em 1954, quando derrubou o governo progressista de Arbenz. E quantos morreram no Chile desde que o imperialismo promoveu a derrocada e o assassinato de

Salvador Allende? Quantos morreram na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, no Brasil e na Bolívia nos últimos quinze anos?

Que preço alto em sangue, sacrifício, miséria e luto tem custado a nossos povos o domínio imperialista e os sistemas sociais injustos que continuam impondo a nossas nações!

O imperialismo empenha-se em destruir símbolos porque conhece o valor dos símbolos, do exemplo, das idéias. Quis destruí-los em Granada, quer destruí-los em El Salvador, na Nicarágua, em Cuba. Mas os símbolos, os exemplos, as idéias não podem ser destruídos; e quando seus inimigos crêem havê-los destruído, na realidade o que fazem é multiplicá-los. Exterminando os primeiros cristãos, os imperadores romanos difundiram o cristianismo pelo mundo. Do mesmo modo, toda tentativa de destruir nossas idéias somente conseguirá multiplicá-las.

Granada já multiplicou a convicção patriótica e o espírito combativo dos revolucionários salvadorenos, nicaraguenses e cubanos. Está demonstrado que se pode combater contra as melhores tropas imperialistas e que estas não são temidas. Os imperialistas não devem ignorar que encontrarão feroz resistência onde quer que ataquem um povo revolucionário. Oxalá a vitória de Pirro em Granada e a atmosfera triunfalista que os embriaga não os conduza a novos erros, graves e irreversíveis.

As circunstâncias peculiares de divisão entre os revolucionários e o divórcio com o povo, que encontraram em Granada, não serão encontrados em El Salvador, na Nicarágua, nem em Cuba.

Em mais de três anos de luta heróica, os revolucionários salvadorenos converteram-se em combatentes experientes, temíveis e invencíveis. São milhares de homens que conhecem o terreno palmo a palmo, veteranos de dezenas de combates vitoriosos, acostumados a lutar, e a vencer, numa proporção de um para dez contra as melhores tropas treinadas, armadas e assessoradas pelos Estados Unidos. Sua unidade é hoje mais sólida e indestrutível do que nunca.

Na Nicarágua teriam que enfrentar um povo profundamente patriótico e revolucionário, unido, organizado, combativo e armado, que jamais poderá ser subjugado.

E em relação a Cuba: se em Granada necessitaram de uma Divisão de elite pa-

Genocídio, a oferta de Reagan

"No pasarán"

ra combater contra um punhado de homens que lutavam ilhados em um pequeno reduto, sem recursos, a mil milhas de sua pátria, quantas divisões necessitariam contra milhões de combatentes em seu próprio solo, junto a seu próprio povo? Nosso país — já o dissemos outras vezes — poderá ser varrido da face da terra, mas jamais poderá ser conquistado e subjugado.

Nas atuais circunstâncias de nosso continente, uma guerra dos Estados Unidos contra um povo latino-americano levantaria o espírito e dirigiria o sentimento de todos os povos da América Latina contra os agressores. Um abismo intransponível se abriria entre povos que, por se encontrarem situados no mesmo hemisfério, são chamados a viver e a cooperar em paz, em amizade e respeito mútuo.

As experiências de Granada serão analisadas em cada detalhe, para que delas se possa extrair o máximo proveito, caso volte a ocorrer uma agressão onde se encontrem colaboradores cubanos, ou em nossa própria pátria.

Os cubanos capturados e tacitamente convertidos em reféns viveram uma experiência inesquecível sobre o que é um país ocupado por tropas invasoras ianques. O tratamento físico e psicológico dado aos colaboradores cubanos foi indigno e vexatório, e a cada um foi proposta, no final, a ida para os Estados Unidos, com promessas de todo o gênero. Mas não conseguiram quebrar sua firmeza de aço. Nenhum deles desertou de sua pátria!

Não fizemos, em nosso país, nenhuma manipulação das notícias, nem se ocultou nada ao povo. Todas as informações diretamente recebidas de Granada, em seguida à invasão, foram transmitidas à nossa população tal como chegavam, ainda que as de 26 de outubro fossem exageradas. Como princípio, em nenhum instante se procurou diminuir a gravidade dos fatos ou a magnitude dos riscos que nossos compatriotas corriam.

Agradecemos profundamente ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha o interesse que demonstrou, a dedicação e o esforço eficaz que realizou para a mais rápida identificação e evacuação dos feridos, enfermos, demais prisioneiros e mortos. Agradecemos também, aos governos da Espanha e da Colômbia, as diligências que inicialmente fizeram neste sentido.

Ao manifestarmos nossas despedidas a

nossos queridos irmãos mortos heroicamente em combate, cumprindo honrosamente seus deveres patrióticos e internacionalistas, e ao expressarmos aos seus entes queridos nossa solidariedade mais profunda, não esquecemos que há mães granadinas e mães norte-americanas que choram a morte de seus filhos em Granada. Às mães e demais familiares dos granadinos que morreram enviamos nossas condolências, assim como às mães e aos familiares dos norte-americanos mortos, porque eles, que igualmente sofrem a perda de entes queridos, não são responsáveis, mas vítimas das aventuras belicistas e agressivas de seu governo.

A cada dia, a cada hora, a cada minuto, em nossos locais de trabalho, de estudo ou de combate, teremos presentes os nossos mortos em Granada.

Estes homens, que enterraremos nesta tarde, lutaram por nós e pelo mundo. Podem parecer cadáveres. Em cadáveres, Reagan quer converter todo nosso povo, homens, mulheres, velhos e crianças; em cadáveres, quer converter a humanidade inteira. Mas os povos lutarão para preservarem sua independência e sua vida; lutarão para evitar que o mundo seja transformado em um enorme cemitério; lutarão e pagarão o preço necessário para que a humanidade sobreviva!

Mas eles não são cadáveres: são símbolos! Nem sequer morreram na própria terra que os viu nascer. Lá, longe de Cuba, de onde levavam o nobre suor de seu trabalho internacionalista para um país mais pobre e menor que o nosso, foram capazes de dar também seu sangue e suas vidas. Mas, naquelas trincheiras, sabiam que também estavam defendendo seu povo e sua pátria. Não é possível expressar de modo mais puro a generosidade e capacidade de sacrifício do ser humano. Seu exemplo será multiplicado, suas idéias serão multiplicadas e eles próprios multiplicar-se-ão em nós! Não haverá poder, não haverá armas, não haverá forças que possam vencer o patriotismo, o internacionalismo, os sentimentos de fraternidade humana e a consciência comunista que eles representaram!

Seremos como eles no trabalho e no combate!

Pátria ou morte!

Venceremos!

Discurso proferido na Praça da Revolução, em Havana, no dia 14 de novembro de 1983.

Novos Estudos Cebrap, São Paulo
n.º 9, p. 62-71, jul. 84
